

Os estereótipos e o viés lingüístico intergrupal

Marcos Emanoel Pereira

Ana Luiza Marques Fagundes

Joice Ferreira da Silva

Roberta Takei

Universidade Federal da Bahia

Resumo

Uma das principais evidências encontradas nos estudos atuais sobre os estereótipos é o denominado viés intergrupal, onde se indica uma tendência tanto a avaliar os membros do *outgroup* como mais homogêneo do que os membros do *ingroup*, como também a tendência correlata a favorecer os membros do *ingroup* em detrimento dos membros do *outgroup*. Este trabalho, de natureza experimental, procurou avaliar a extensão desse efeito em participantes de etnia branca e negra residentes na cidade do Salvador, Bahia. A variável dependente envolvia uma escolha forçada entre quatro alternativas, cada uma representando a codificação lingüística com um grau distinto de abstração (adjetivos; verbos de estado permanente; verbos interpretativos; verbos descritivos). Os resultados, ao contrário dos obtidos na literatura, não evidenciaram qualquer efeito da etnia do participante, da etnia do personagem retratado na cena e nem da interação das duas variáveis. As conclusões do estudo não devem ser consideradas, entretanto, um indicador da ausência de discriminação entre os participantes, devendo ser mais provavelmente interpretado como uma consequência dos limites dos instrumentos indiretos de mensuração dos estereótipos e preconceitos.

Palavras-chave: estereótipos; preconceito; viés lingüístico intergrupal; relações integrupais.

Abstract

Stereotypes and linguistic intergroup bias

One of the main evidences found in recent studies on stereotypes is the that named “intergroup bias”, which indicates a tendency both to considering outgroup members more homogeneous than ingroup ones, and the related tendency to benefiting the in-group members to the detriment of the outgroup ones. This work, with an experimental feature, was for evaluating the extent of this effect in participants with a white ethnic origin and participants with an African ethnic origin who are living in Salvador, State of Bahia (Brazil). The dependable variable was related to a forced choice among four options, each of them representing a linguistic codification with a different level of abstraction (adjectives, permanent states verbs, interpretative verbs, descriptive verbs). The results, unlike those ones found in written sources, did not show any effect determined by the participant's ethnic origin, nor by the character's one, nor even by the interaction of these two variables. The conclusions of the study, however, should not be taken as an indication of an absence of racial prejudice between the participants. Rather, they should more likely be taken as a consequence determined by the limits and imperfection of the indirect instruments for measuring the stereotypes and the prejudices.

Keywords: stereotypes; prejudice; intergroup linguistic bias; intergroup.

Dado que parte significativa da nossa vida ocorre nos diversos grupos aos quais estamos afiliados e que os grupos estabelecem entre si uma série de relações, é perfeitamente cabível imaginar que inúmeros fenômenos se manifestam durante as relações intergrupais. Um aspecto bastante significativo das relações entre os grupos é a denominada alusão depreciativa aos estrangeiros. Os exemplos dessas alusões são inumeráveis, de forma que por ora basta assinalar que, em linhas gerais, os membros do *ingroup* tendem a ver e a tratar os membros do grupo externo de uma forma eminentemente negativa. As concepções a respeito dos membros do grupo externo são geralmente formuladas a partir do uso do

pensamento categórico e são expressas, sobretudo, através de crenças estereotipadas compartilhadas por praticamente todos os membros do grupo. Não é difícil supor que as relações entre os membros dos vários grupos sociais sejam moldadas por um conjunto significativo de crenças e valores, sendo lícito afirmar, portanto, que as crenças estereotipadas contribuem de forma decisiva para as vicissitudes das relações intergrupais.

O termo estereótipo deriva-se de duas palavras gregas, “*stereos*” (rígido) e “*typos*” (traço) e pode definido como uma crença sobre atributos típicos de um grupo, que contém informações não apenas sobre estes atributos, como também sobre o grau com que tais

atributos são compartilhados (Stangor & Schaller, 1996). É possível, entretanto, estabelecer diferenças entre os estereótipos, entendidos como crenças compartilhadas sobre as características, atributos e comportamentos de membros de certos grupos e o processo de estereotipização, que se refere à tendência a conceber que o alvo possui atributos e qualidades intercambiáveis com a categoria social à qual pertence (Leyens, Yzerbyt & Schadron, 1994). Numa dimensão pragmática, os estereótipos, a depender do contexto em que emergem, cumprem uma série de funções (Fiske, 1998). Numa dimensão cognitiva, eles podem simplificar a demanda de processamento do percebedor, facilitando o processamento da informação (Hamilton, Stroessner & Driscol, 1994). Além disso, eles também podem funcionar como respostas aos fatores ambientais, especialmente nas circunstâncias em que emergem conflitos grupais (Lawrence & Leather, 1999). Enfim, os estereótipos também possuem a função de justificar o *status quo*. (Hilton & Von Hippel, 1996). Ora, se os estereótipos desempenham funções tão diferenciadas, é perfeitamente natural caracterizá-los de acordo de acordo com uma perspectiva multidimensional, levando-se em consideração uma pléia de fatores, tais como o consenso, a homogeneidade, a distintividade, assim como os componentes descritivos e avaliativos. A natureza consensual dos estereótipos refere-se ao fato de estes serem compartilhados no interior de um grupo social. Nesse sentido, podemos supor uma certa homogeneidade na atribuição de características aos membros do grupo alvo. A distintividade consiste em considerar que um grupo, em função da sua homogeneidade, é diferente de um outro. Por fim, os elementos descritivos e avaliativos referem-se à descrição de comportamentos e traços, bem como à atribuição de valores positivos e negativos aos mesmos.

Embora os estereótipos fundamentem as alusões depreciativas e os argumentos derogatórios em relação aos membros dos outros grupos, é possível perceber, a partir dessa breve caracterização, que eles não incorporam, necessariamente, uma conotação negativa, embora os estereótipos sobre os membros do *outgroup*, como seria de se esperar, sejam mais negativos que aqueles aplicados aos membros do próprio grupo (Pereira, 2002; Tajfel & Turner, 1979). Esta tendência é bastante compreensível, especialmente porque ela se sustenta em estratégias categóricas de diferenciação grupal (Macrae & Bodenhausen, 2000) e supõe um empenho motivacional de proteção ao *ingroup*, sendo perfeitamente cabível sustentar que a atribuição de estereótipos negativos ao *outgroup* pode ser entendida como uma estratégia adotada com a finalidade de alcançar uma identidade social positiva, valorizando o *ingroup*, a partir da referência às qualidades negativas atribuídas aos membros do *outgroup* (Tajfel, 1982).

É importante assinalar, no entanto, que, apesar dessa avaliação negativa dos membros do *outgroup*, um estereótipo não deve ser confundido com o preconceito, pois se a definição dos estereótipos indica que se trata de uma estrutura capaz de conter o conhecimento, as crenças e as expectativas de um

percebedor em relação a algum grupo humano, o preconceito pode ser definido como “a manutenção de atitudes e crenças derogatórias, expressão de afetos negativos ou evocação de comportamentos hostis e discriminatórios em relação aos membros de um grupo” (Brown & Lepore, 1999).

Em suma, podemos dizer que as relações intergrupais, por estarem assentadas em estratégias cognitivas e motivacionais que favorecem a diferenciação entre *ingroup* e *outgroup*, promovem não apenas os estereótipos e os preconceitos, como também facilitam a manifestação de comportamentos discriminatórios em relação aos indivíduos de grupos externos.

MODELO DE CATEGORIAS LINGÜÍSTICAS INTERGRUPAIS E O VIÉS LINGÜÍSTICO INTERGRUPAL

A linguagem é, sem dúvida, um dos elementos mais significativos da nossa realidade diária, pois não é incorreto assinalar que a mediação através da linguagem é decisiva para o nosso conhecimento do mundo e da realidade social (Clement & Noel, 1996; Semim, 1999). Uma vez que na linguagem são encontrados elementos de natureza individual, grupal e coletiva, pode-se sugerir a presença de uma série de evidências que apontam para o seu papel decisivo durante as atividades nas quais se encontra diretamente envolvida a cognição social.

Um aspecto que nos interessa, de forma particular, é maneira pela qual a linguagem pode contribuir para a formação do viés intergrupal e para o desenvolvimento e a manutenção dos estereótipos sociais. Um programa sistemático de investigação das relações entre os estereótipos e a linguagem se fundamenta no modelo das categorias lingüísticas intergrupais de Semin e Fiedler (1988). Tais estudos diferenciam quatro categorias lingüísticas predominantemente utilizadas na descrição de pessoas e eventos: 1) os verbos que descrevem ações; 2) os verbos que interpretam ação; 3) os verbos que fazem referências a estados duradouros, e 4) os adjetivos.

Os verbos descritivos, como o próprio termo indica, descrevem objetivamente comportamentos específicos e observáveis com começo e fim claro delimitados, referindo-se a situações e objetos específicos, sendo muito difícil atribuir qualquer conotação positiva ou negativa. Verbos, como, por exemplo, beijar, olhar ou chutar, geralmente indicam ações com um nível de abstração muito baixa, sendo utilizados para fazer referências a eventos e situações que se manifestam em uma dimensão concreta. No plano fenomenológico, um forte indicador de um uso adequado dessa categoria lingüística é a presença de pelo menos uma característica física invariante (chutar, por exemplo, envolve necessariamente a utilização dos pés que atinge, com uma certa intensidade, a um outro objeto).

Os verbos que interpretam uma ação vão além da mera descrição do evento ou da situação, pois neles se encontra subjacente uma interpretação, que, por sua vez, introduz um certo componente semântico

negativo ou positivo em relação à situação que está sendo submetida à avaliação. De forma semelhante aos verbos descriptivos, os verbos interpretativos também podem fazer referências a ações específicas, que temporalmente diferenciam o início e o fim do evento. Alguns verbos característicos dessa categoria incluem aqueles como ajudar, ofender, inibir ou ameaçar.

Os verbos que se referem a estados duradouros indicam a existência de estados emocionais, afetivos ou mentais relativamente permanentes e claramente discerníveis. Podemos assinalar, também, que embora eles se refiram a comportamentos, situações ou objetos claramente especificados, é impossível identificar, no plano temporal, o início ou fim daquele estado. Verbos tais como acreditar, odiar, admirar ou desejar podem ser incluídos nessa categoria.

Os adjetivos, por sua vez, podem ser considerados como a categoria que proporciona o grau mais alto de abstração. O seu aspecto mais característico é que eles se referem às características disposicionais do indivíduo, o que, em certa medida, impõe uma certa interpretação de estabilidade do padrão de comportamento, que se manifestaria de forma independente dos contextos históricos, geográficos e culturais no qual ele se manifesta.

O argumento central da hipótese do viés lingüístico intergrupal é a de que um mesmo comportamento pode ser codificado de acordo com diferentes níveis de abstração, a depender da dimensão axiológica, dado que ele pode ser positiva ou negativamente avaliado, e a depender da afiliação do protagonista da ação, pois ele pode pertencer ao *in* ou ao *outgroup* (Maass, Salvi, Arcuri & Semin, 1989). Os psicólogos sociais certamente reconhecem que tal linha de argumentação se assemelha aos arrazoados apresentados pelos teóricos atribuicionais, pois parecem evidentes as semelhanças entre o viés lingüístico intergrupal e o conceito de erro atribuicional fundamental, característico das teorias atribuicionais da causalidade (Jones & Nisbett, 1972). Esta última noção sugere uma tendência a avaliar ao comportamento dos outros de uma forma diferenciada, pois se a ação for uma ação positiva dos membros do próprio grupo, a causa do comportamento é a atribuída a fatores de natureza pessoal ou interna, enquanto o mesmo tipo de ação, quando encetada por membros do *outgroup*, tende a ser interpretada como produzida por fatores de natureza externa ou situacional. No caso dos comportamentos negativos observa-se o oposto, uma vez que as ações negativas dos membros do *ingroup* tendem a ser explicados por meio de referências a causas externas, enquanto o mesmo tipo de ação, quando se trata dos membros do *outgroup* tendem a ser explicados através de referências características situacionais.

Ampliando o alcance do modelo do viés lingüístico intergrupal, podemos dizer que a linguagem pode ser utilizada como meio de facilitar ou dificultar as confirmações das idéias previamente existentes a respeito do *in* e do *outgroup*. A linguagem abstrata, evidentemente, oferece mais informações sobre o

protagonista, dado que os elementos retratados indicam características inerentes ao indivíduo, denotando algo que é estável e típico do ator (ele é honesto ou ele é agressivo). Pode-se esperar, portanto, que ela seja tipicamente utilizada para descrever comportamentos negativos dos membros do *outgroup* e comportamentos desejáveis dos membros do *ingroup*. Quanto menos abstrata for a linguagem, mais se manifesta uma certa dissociação entre o ator a e cena, pois o foco passa a ser, evidentemente, a situação na qual a ação se manifesta. Esta modalidade de linguagem, consequentemente, deve ser prioritariamente utilizada para comunicar os comportamentos negativos, inesperados ou indesejáveis dos membros do *ingroup* e positivos ou desejáveis dos membros do *outgroup*. Nesse sentido, pode-se afirmar que o viés lingüístico intergrupal ajuda a promover o próprio grupo, retratando-o de forma favorável, o que, em certo sentido, contribui para que o indivíduo, concomitantemente, desenvolva ou mantenha uma imagem favorável de si mesmo.

Afora isso, o viés lingüístico intergrupal pode ser interpretado como um indicador implícito de preconceito (Hippel, Sekaquaptewa & Vargas, 1997). As consequências práticas do viés lingüístico intergrupal são bastante evidentes, pois, se os comportamentos estereotipados dos membros do *outgroup* são geralmente retratados como negativos, eles tendem a ser codificados de uma forma mais abstrata, o que certamente torna a mudança ou mesmo a supressão dos estereótipos e preconceitos uma tarefa bastante difícil.

PERSPECTIVAS MOTIVACIONAL E COGNITIVA DO VIÉS LINGÜÍSTICO INTERGRUPAL

Encontramos na literatura especializada duas explicações possíveis para o viés lingüístico intergrupal; uma, centrada em argumentos motivacionais, e uma outra que privilegia uma dimensão cognitiva. A perspectiva motivacional, fundamentada na teoria da identidade social, sustenta que o viés lingüístico intergrupal contribui para a nossa auto-estima coletiva, protegendo, consequentemente, a identidade social. Nesse sentido, esse viés teria claramente a função de proteger o *ingroup*. Se essa abordagem acentua a dimensão motivacional, que se expressa através das estratégias de favorecimento do próprio grupo e, consequentemente, das identidades social e pessoal, a abordagem cognitiva sustenta-se no entendimento de que o viés lingüístico intergrupal ocorre nas circunstâncias em que as expectativas de como os comportamentos poderiam vir a se manifestarem são violadas, sugerindo que os comportamentos mais congruentes com as expectativas deveriam ser interpretados de uma forma mais abstrata, enquanto os menos congruentes tenderiam a ser interpretados a partir de critérios mais concretos.

Maass, Milesi, Zabbini & Stahlberg (1995) relatam três experimentos que favorecem de forma nítida a hipótese da expectativa. No experimento 1, italianos, sulistas e nortistas descreveram comportamentos de protagonistas do Sul ou do Norte baseados na

congruência ou incongruência dos comportamentos com as crenças estereotípicas existentes. No experimento 2, estudantes de psicologia da Universidade de Kiel, na Alemanha, ($N = 40$) codificaram mais abstratamente comportamentos positivos protagonizados por seu melhor amigo e negativos protagonizados por seu pior inimigo, o que, embora reforce a perspectiva cognitiva, não exclui a tese da proteção do *ingroup*. O experimento 3, finalmente, confirmou a tese da diferença de expectativa, ao anular a influência da proteção do *ingroup*. Nesse caso, foi criada a expectativa de que certa pessoa ou grupo apresentava certo traço de comportamento e se observou uma descrição mais abstrata dos comportamentos congruentes com o esperado.

Maass, Ceccareli & Rudin (1996) consideram, porém, que os defensores da perspectiva cognitiva, apesar de confirmarem que a proteção do *ingroup* não é necessariamente pré-requisito para ocorrência do viés lingüístico intergrupal, não provam que esta tendência seja sempre irrelevante. Assim, poder-se-ia supor que o viés lingüístico seja derivado da motivação de proteger o *ingroup* em algumas situações específicas, especialmente nas circunstâncias em que a identidade social do indivíduo está ameaçada ou desvalorizada, quando o indivíduo pertence a grupos com um *status* social baixo, mas o próprio grupo considera esse *status* ilegítimo, assim como nas circunstâncias em que o ambiente intergrupal é de alta competitividade. Os resultados obtidos confirmaram claramente a hipótese de que as pessoas codificam comportamentos indesejáveis do *outgroup* e desejáveis do *ingroup* com mais alto nível de abstração que os comportamentos desejáveis do *outgroup* e indesejáveis do *ingroup*. A interação entre o membro do grupo e a desejabilidade social também foi confirmada. O mesmo comportamento desejável foi codificado com alto grau de abstração para comportamentos dos membros do *ingroup* do *outgroup*, ocorrendo exatamente o oposto com os episódios socialmente indesejáveis, que foram codificados com mais alto grau de abstração quando eram protagonizados por membros do *outgroup* que do *ingroup*. Para os episódios desejáveis, as descrições concretas, que faziam referências aos verbos descritivos e interpretativos, foram usadas com mais freqüência para *outgroup* do que para o *ingroup*. Em contrapartida, no caso dos comportamentos indesejáveis, foi observada uma clara preferência pelo uso da linguagem concreta para descrever o *ingroup* quando comparada com as descrições apresentadas para os membros do *outgroup*, assim como o uso de adjetivos e verbos de estado para a descrição dos membros do *ingroup*.

Tanabe & Oka (2001) replicaram, no Japão, o experimento de Maass e cols. (1996). Dessa vez, os participantes foram aficionados por beisebol, que avaliaram cenas em que eram apresentadas oito modalidades de comportamento, eliciadas por torcedores do seu próprio time ou por torcedores do time com que eles menos simpatizavam. Os resultados mostraram consistência com o experimento inicial,

exceto os que se referiram aos comportamentos sociais desejáveis.

OBJETIVO DO TRABALHO

O presente trabalho apresenta quatro experimentos que, embora diferentes em alguns aspectos, compartilham o mesmo objetivo, ou seja, o estudo das estratégias de codificação de cenas visuais adotadas por membros dos diversos grupos sociais. Em linhas gerais, procuramos avaliar se os resultados obtidos em uma amostra brasileira se assemelham aos encontrados na literatura. Nesse sentido, procuramos determinar como participantes adultos e crianças, de etnia branca e negra, utilizando as categorias lingüísticas anteriormente referidas para codificar cenas apresentadas de forma visual em que aparecem personagens do *ingroup* e do *outgroup* em cenas consideradas socialmente positivas e negativas. De acordo com as previsões oriundas da perspectiva motivacional do modelo das categorias lingüísticas intergrupais, espera-se que as ações negativas dos membros do *ingroup* e as positivas dos membros do *outgroup* tendam a ser avaliadas de forma mais abstrata, enquanto as positivas dos membros do *ingroup* e as negativas dos membros do *outgroup* tendam a ser avaliadas de forma menos abstrata. Em contrapartida, o modelo cognitivo sugere que independe de ser um comportamento eliciado por um membro do *ingroup* ou do *outgroup*, as respostas que fogem às expectativas tendem a ser interpretadas de forma mais concreta.

Experimento 1

Em que medida indivíduos avaliam personagens que pertencem ao próprio grupo e a um grupo externo de uma forma diferenciada? As categorias lingüísticas usadas são as mesmas? O primeiro experimento dessa série procura responder a tais perguntas, a partir de uma amostra de participantes adultos, que responderam a um instrumento em que a resposta deveria ser necessariamente dada em uma escala de quatro pontos, como os adjetivos indicando um maior grau de abstração e os verbos descritivos circunscrevendo o menor grau de abstração.

Método

Participantes - A amostra foi constituída por 87 participantes adultos selecionados por critério de conveniência em locais públicos da cidade de Salvador (Praça da Piedade, Largo de Santana, Rodoviária, Shopping Iguatemi). Dos questionários obtidos, 4 foram excluídos por apresentarem dados incompletos, restando 83 questionários a serem analisados. O critério de avaliação da etnia dos participantes foi estabelecido por quatro juízes, as próprias entrevistadoras, que procuraram abordar pessoas cuja etnia estivesse claramente definida.

A distribuição por gênero indicou a participação de 49 (59,0%) indivíduos do sexo masculino, 33 (39,8%) do sexo feminino, não sendo possível determinar o gênero de um participante da pesquisa. A média de idade dos participantes foi de 31,2 anos (mínimo=12;

máximo = 56). A distribuição, de acordo com o grau de escolaridade indica 21,7% dos participantes com o primeiro grau, 47,0% com o segundo grau e 33,8% com terceiro grau.

Procedimentos - A metodologia adotada neste trabalho foi a experimental. O experimento utilizou um delineamento fatorial 2 x 2 x 2 (etnia do participante, branca ou negra; grupo étnico do personagem da cena, *ingroup* ou *outgroup*; e tipo de cena, positiva ou negativa), sendo o último fator de medida repetida. Os dados foram obtidos através de uma escala em que se apresentou uma série de alternativas e o participante indicou a que melhor retratava a natureza da cena visualmente apresentada.

O experimento utilizou um caderno de apresentação em que estavam desenhadas seis cenas, três socialmente positivas (devolver a carteira perdida de um transeunte; participar de uma roda de capoeira; ajudar uma senhora idosa a atravessar a rua) e três negativas (dirigir-se a um grupo sentado em uma mesa de bar; ficar à espreita em uma praia, esperando uma oportunidade para cometer um furto; atingir com um tapa uma outra criança de menor estatura e idade). Foram elaborados dois conjuntos de cenas, em que todos os personagens centrais eram crianças, sendo que cada conjunto retratava os personagens centrais como de etnia branca ou negra. Para evitar o efeito de ordem, houve um balanceamento na apresentação, de forma que a primeira cena a ser apresentada a um participante foi a última a ser apresentada ao seguinte. O efeito do local e horário da entrevista também foi controlado. Com base no acima exposto, foram constituídos quatro grupos experimentais, assim distribuídos: 1) participantes de etnia branca, avaliando personagens de etnia branca, em cenas socialmente positivas e negativas; 2) participantes de

etnia branca, avaliando personagens de etnia negra, em cenas socialmente positivas e negativas; 3) participantes de etnia negra, avaliando personagens de etnia branca, em cenas socialmente positivas e negativas; e 4) participantes de etnia negra, avaliando personagens de etnia negra, em cenas socialmente positivas e negativas.

Instrumentos - As cenas foram especialmente elaboradas para esse estudo, e uma delas pode ser observada no anexo 1. As alternativas de resposta incluíam quatro itens, expressando os diferentes níveis de abstração com que as cenas podiam ser lingüisticamente representadas, como se observa no anexo 1.

Análise e interpretação dos dados

Para cada uma das opções de resposta oferecidas foi atribuído um número, variando de 1 a 4, de acordo com o modelo de categorias lingüísticas de Semin & Fiedler (1988), sendo que os adjetivos corresponderam ao valor 1, os verbos de estado ao 2, os verbos interpretativos ao 3 e os verbos descritivos ao 4, donde se conclui que, quanto menor a média na avaliação de cada cena, maior o nível de abstração de linguagem.

Em relação ao teste da hipótese, os resultados não foram consistentes com as evidências apresentadas na literatura. Foram realizadas duas ANOVAs, uma com as cenas positivas e a outra com as cenas negativas. Em nenhuma delas foi observado o efeito da etnia do participante ou do observador na codificação das cenas positivas ($F = 0,013$, $p = .909$) ou negativas ($F = 0,417$, $p = .520$). Os resultados podem ser vistos na tabela 1:

Tabela 1: Efeito da etnia do participante e do personagem na codificação das cenas positivas e negativas

Etnia do participante	Positividade do comportamento			
	Positivo		Negativo	
	Etnia do personagem		Etnia do personagem	
	Branca	Negra	Branca	Negra
Branca	2,38	2,42	3,14	3,15
Negra	2,44	2,44	3,16	3,00

Deixando de lado o critério de significância estatística e considerando apenas as médias apresentadas em cada uma das células da tabela 4, podemos dizer que, de forma compatível com a literatura, os participantes brancos avaliaram de uma forma mais abstrata às ações positivas dos personagens brancos, enquanto que no caso dos participantes negros, as médias foram exatamente iguais. No caso das cenas negativas, os participantes brancos avaliaram as cenas em que aparecem personagens brancos e negros de forma bastante semelhantes, enquanto os participantes negros, ao contrário do esperado na literatura, avaliaram as cenas em que aparecem personagens negros de uma forma

mais abstrata que nas cenas em que aparecem personagens brancos.

Tais resultados, portanto, oferecem um suporte apenas parcial e limitado às previsões do modelo do viés lingüístico intergrupal, que postula uma tendência a avaliar de forma mais abstrata comportamentos positivos do *ingroup* e negativos do *outgroup*, assim como tendem a avaliar de forma mais concreta comportamentos negativos do *ingroup* e positivos do *outgroup*.

Procuramos complementar esta análise tentando determinar se a etnia do participante interferiu na codificação das cenas positivas e negativas e, uma vez

mais, não encontramos qualquer diferença significativa no plano estatístico. Finalmente, procuramos avaliar se a etnia do personagem retratado exerceu alguma influência na codificação das cenas e os resultados também indicaram a ausência de qualquer efeito significativo.

A análise de cada uma das cenas em separado também indicou a ausência de qualquer efeito conjunto ou em separado da etnia do participante e do personagem.

Experimento 2

As mesmas questões do experimento 1 foram retomadas no experimento 2. Mais uma vez procuramos avaliar como os indivíduos codificam as cenas em que são retratados personagens que pertencem ao seu próprio grupo e em que medida essas avaliações diferem quando se trata da avaliação de indivíduos do *outgroup*. Foi utilizada, uma vez mais, uma amostra de participantes adultos, que dessa vez apresentaram a resposta em um instrumento aberto de coleta de dados. As respostas foram posteriormente codificadas de forma independente por três juízes.

Método

Participantes - A amostra, constituída por 88 participantes, foi selecionada e categorizada de acordo com os procedimentos descritos no experimento 1. A distribuição por gênero contabilizou 47,4% participantes do sexo masculino e 52,3% do sexo feminino. A média de idade dos participantes foi de 29,6 anos (mínimo= 12; máximo = 59). A distribuição dos participantes de acordo com o grau de escolaridade indicou 11,4% com o primeiro grau, 46,5% com o segundo grau, e 42,1% com o terceiro grau.

Instrumentos - As mesmas cenas descritas no experimento 1 foram utilizadas no experimento 2.

Procedimentos - Os mesmos procedimentos usados para a condução do experimento 1 foram adotados no experimento 2, diferenciando-se, como já assinalamos, pelo fato de a participante, ao invés de indicar a opção que melhor retrataria a natureza da cena, elaborar uma frase a respeito da cena e do seu protagonista. As frases elaboradas pelos participantes foram escritas na folha de resposta pela entrevistadora.

As frases foram codificadas por três juízes, considerando os quatro diferentes graus de abstração, de acordo com o modelo de categorização lingüística de Semin & Fiedler. Além da categoria lingüística, os juízes também avaliaram o grau de positividade/negatividade da resposta, atribuindo-se o valor 1 para as frases com conotação negativa, 2 para as frases neutras e 3 para as frases que apresentavam conotação positiva. Apenas as frases em que os três juízes chegaram a um acordo foram incluídas nas análises.

Resultados

Um dos aspectos de maior destaque nos resultados é que, de forma consistente com os dados obtidos no experimento 1, a cena codificada de forma mais abstrata foi aquela na qual o garoto devolve a carteira. No caso da cena codificada de forma menos abstrata, no entanto, pudemos observar uma leve discrepância, uma vez que, no caso do experimento 2, a cena codificada de forma mais concreta foi aquela na qual o personagem é retratado jogando capoeira.

A codificação das cenas em relação ao gênero e ao grau de escolaridade dos participantes não apresentou nenhuma significância estatística, o que indica uma forte homogeneidade nas respostas. Ao considerarmos a média e o desvio padrão do grau de positividade/negatividade das cenas, encontramos indicadores de que a cena avaliada de forma mais positiva foi a do garoto ajudando a senhora a atravessar a rua, enquanto do garoto agredindo fisicamente outro de menor tamanho foi avaliada mais negativamente.

Influência da etnia dos participantes e dos personagens na codificação das cenas

Em relação ao teste da hipótese, os resultados não são unívocos. De forma semelhante ao procedimento adotado no experimento 1, realizamos ANOVAs, uma com as cenas positivas e a outra com as cenas negativas. No caso das cenas positivas, observou-se um efeito significativo em relação à etnia do participante, embora não tenha sido observado o efeito de interação entre a etnia do participante e a etnia do personagem ($F=0,143$, $p = .706$). No caso das cenas negativas, foi possível constatar um efeito significativo marginal tanto da influência da etnia do participante, quanto uma interação entre a etnia do participante e a do personagem ($F= 3,913$, $p=.052$).

Tabela 2: Codificação das cenas, considerando a etnia dos participantes e dos personagens

Etnia do participante	Positividade do comportamento			
	Positivo		Negativo	
	Etnia do personagem	Etnia do personagem	Branca	Negra
Branca	2,24	2,27	2,53	2,87
Negra	2,84	2,73	3,11	2,87

Considerando exclusivamente as médias das condições experimentais, pode ser observado que participantes brancos e negros avaliaram de forma

mais abstrata aos comportamentos positivos dos membros do seu próprio grupo, um resultado compatível com o previsto na literatura. No caso das cenas negativas, entretanto, a codificação da cena foi

totalmente incompatível com o esperado na literatura, uma vez que os participantes brancos avaliaram a ação dos personagens brancos como mais abstrata, enquanto os negros, por sua vez, também avaliaram a ação dos personagens negros como mais abstrata.

Ao considerarmos exclusivamente a etnia dos participantes, constatamos uma diferença significativa na avaliação das cenas positivas ($M_{brancos} = 2,25$ $M_{negros} = 2,79$, $t(84) = 2,968$ $p = .004$) e uma diferença marginal na avaliação das cenas negativas ($M_{brancos} = 2,71$ $M_{negros} = 2,98$, $t(78) = 1,849$ $p = .068$). Ao avaliarmos a etnia dos personagens constatamos a ausência de qualquer diferença significativa nos resultados das cenas positivas ($M_{brancos} = 2,55$ $M_{negros} = 2,49$, $t(84) = .287$ $p = .775$) e das cenas negativas ($M_{brancos} = 2,83$ $M_{negros} = 2,87$, $t(78) = .209$ $p = .835$).

Além da análise agrupada das cenas positivas e negativas, conduzimos uma análise de cada uma das cenas em separado. Os resultados indicam que a etnia do participante e a do personagem interagiram apenas na cena em que o personagem foi representado espreitando um grupo de turistas. Este resultado, uma

vez mais, contradiz a literatura, pois, ao contrário do esperado, participantes negros e brancos codificaram uma cena negativa em que um membro do *outgroup* é retratado negativamente de uma forma mais abstrata do que concreta que a avaliação dos membros do *ingroup*.

Influência da etnia dos participantes e dos personagens na atribuição do grau de positividade/negatividade das cenas

De forma semelhante ao procedimento adotado no experimento 1, realizamos duas ANOVAs, uma com as atribuições às cenas positivas e uma outra com as atribuições às cenas negativas. No caso das cenas positivas, observou-se um efeito interativo entre a etnia do participante e a etnia do personagem ($F=7,696$, $p = .007$), enquanto no caso das cenas negativas, embora tenha sido observada uma significância marginal no caso da etnia do personagem, não foi constatada qualquer interação entre as duas variáveis ($F= 1,454$, $p=.231$).

Tabela 3: Avaliação do grau de positividade/negatividade das cenas, considerando a etnia dos participantes e dos personagens

Etnia do participante	Positividade do comportamento			
	Positivo		Negativo	
	Etnia do personagem		Etnia do personagem	
Branca	Branca	2,97	Negra	2,80
Negra	Negra	2,80	Branca	1,87
			Negra	1,53
			Branca	2,52

Considerando exclusivamente as médias das condições experimentais, conforme se observa na tabela 3, é possível constatar que participantes brancos e negros avaliaram de forma mais positiva os comportamentos positivos dos membros do seu próprio grupo. Da mesma forma, os participantes avaliaram com mais negativos os comportamentos dos membros do *outgroup* do que os produzidos pelos membros do *ingroup*.

Ao considerarmos exclusivamente a etnia dos participantes, foi impossível identificar qualquer efeito na atribuição de positividade/negatividade às cenas positivas ($M_{brancos} = 2,88$ $M_{negros} = 2,88$, $t(84) = .000$ $p = 1.000$) e negativas ($M_{brancos} = 1,69$ $M_{negros} = 1,55$, $t(85) = 1,287$ $p = .201$). Ao avaliarmos a etnia dos personagens constatamos a ausência de qualquer diferença significativa nos resultados das cenas positivas ($M_{brancos} = 2,88$ $M_{negros} = 2,88$, $t(84) = .000$ $p = 1.000$), enquanto foi observada uma diferença marginal no caso das cenas negativas, ($M_{brancos} = 1,72$ $M_{negros} = 1,52$, $t(85) = 1,781$ $p = .079$), indicando que os personagens negros foram avaliados de uma forma mais negativa que os personagens brancos.

Além da análise agrupada das cenas positivas e negativas, conduzimos uma análise de cada uma das cenas em separado. Os resultados indicam que a etnia do participante e a do personagem interagiram apenas na cena em que o personagem devolve a carteira perdida por um transeunte. Uma vez mais foi

confirmada a tendência dos participantes a avaliarem mais positivamente às ações encetadas pelos membros do próprio grupo.

Além dessa análise considerando a interação entre a etnia do participante e do personagem, avaliamos a influência da etnia do participante e do personagem na atribuição de positividade/negatividade às cenas. No caso da etnia do participante, apenas a cena em que o garoto devolve a carteira ao rapaz apresentou diferença significativa nos resultados, indicando que participantes negros a avaliaram de uma forma mais positiva que os participantes brancos ($M_{brancos} = 1,79$ $M_{negros} = 2,58$, $p = .001$). Em relação ao efeito da etnia do personagem, os resultados apontaram uma diferença significativa no caso da cena em que o personagem é retratado como pedinte ($M_{brancos} = 1,93$ $M_{negros} = 1,55$, $p = .024$) e marginal na cena em que ele é representado como ladrão ($M_{brancos} = 1,89$ $M_{negros} = 1,61$, $p = .081$).

Experimento 3

O experimento 3, assim como o 4, ao contrário dos anteriores, investiga os padrões de codificação linguística em uma amostra de crianças freqüentadoras de uma escola particular da cidade do Salvador. Além dessa diferença de natureza amostral, estes experimentos diferem dos três primeiros por adotarem um procedimento computadorizado para apresentação das cenas e coleta dos dados.

Método

Participantes - A amostra foi constituída por 40 participantes, estudantes do nível fundamental (3^a a 5^a séries) de uma escola particular da cidade de Salvador. A distribuição por gênero indicou a presença de 52,5% participantes do sexo masculino e os restantes 47,5% do sexo feminino. A média de idade dos participantes foi de 9,9 anos (mínimo = 8; máximo = 14).

Instrumentos - Os instrumentos utilizados foram os mesmos do experimento 1. O instrumento para a coleta computadoprizada de dados foi elaborado com o sistema de autoria Toolbook Instructor II.

Equipamentos - A coleta de dados foi realizada no laboratório de informática de uma escola particular. Nessa sala encontravam-se cerca de vinte computadores Pentium, com configurações diversas, todos rodando o sistema operacional Windows 95. A resolução de vídeo de cada máquina era a mesma, ou seja, 800 x 600.

Procedimentos - O instrumento foi aplicado no horário de aula, na sala de informática de um colégio particular de orientação religiosa de Salvador. A aplicação se deu de forma individual (uma criança em cada computador), num espaço comum, sem separação de computadores. As crianças que não estavam participando do experimento permaneceram na sala onde foi realizada a coleta de dados, executando outras atividades coordenadas pela professora.

Como não foi identificado qualquer efeito de ordem nos experimentos 1 e 2, a ordem de apresentação das cenas foi a mesma para todos os participantes deste experimento.

Análise e interpretação dos dados

Nesta seção, serão analisados inicialmente os resultados obtidos com a codificação das cenas, de acordo com o modelo de categorias lingüísticas de Semin & Fiedler (1988), conforme descrito no experimento 1. Os critérios de codificação das respostas foram os mesmos adotados nos experimentos 1 e 2, ou seja, quanto menor a média na codificação da cena, maior o grau de abstração.

A cena codificada de forma mais abstrata foi a que o garoto devolve a carteira a um rapaz (uma cena positiva). Duas cenas, ambas negativas, foram codificadas de forma mais concreta: aquela na qual o garoto pede em uma mesa de bar e uma outra na qual o garoto espreita um grupo de turistas. Esta última cena, além de ter sido codificada de forma bastante negativa, apresentou o maior grau de dispersão entre todas as cenas submetidas à codificação.

Influência da etnia dos participantes e dos personagens na codificação das cenas

Usando um procedimento semelhante aos adotados experimentos 1 e 2, realizamos duas ANOVAs, uma com as cenas positivas e a outra com as cenas negativas, não sendo observada qualquer interação entre a etnia dos participantes e a dos personagens em nenhum dos casos ($F=.021$, $p = .886$, para as cenas positivas e $F = .089$, $p = .767$ para as cenas negativas).

Tabela 4: Codificação das cenas, considerando a etnia dos participantes e dos personagens

Etnia do participante	Positividade do comportamento			
	Positivo		Negativo	
	Etnia do personagem		Etnia do personagem	
	Branca	Negra	Branca	Negra
Branca	2,21	2,57	2,72	3,20
Negra	2,38	2,67	2,71	3,00

Avaliando apenas as médias das células apresentadas na tabela 4, pode-se perceber que os participantes brancos, de uma forma compatível com as hipóteses do viés lingüístico intergrupal, codificaram as cenas positivas em que são representados membros do *ingroup* de uma forma mais abstrata que as cenas em que são representados membros do *outgroup*. Os resultados apresentados pelos participantes negros, no entanto, apontam numa direção contrária, já que as ações positivas encetadas pelos membros do *outgroup* foram avaliadas de uma forma mais abstrata que as realizadas pelos membros do *ingroup*. No caso das cenas negativas, os resultados não estão de acordo com o esperado na literatura.

No caso da influência conjunta da etnia do participante e do personagem, não foram encontradas diferenças significativas na codificação de nenhuma das seis cenas, assim como no caso da influência

isolada da etnia do participante. No caso da influência da etnia do personagem, foram encontradas diferenças significativas marginais em três cenas. No primeiro caso, na cena na qual o personagem é representado jogando capoeira, a ação é descrita de uma forma mais abstrata no caso do personagem branco. No segundo caso, a cena em que o personagem é representado como um pedinte, a ação do personagem de etnia branca foi codificada de forma mais abstrata que a ação do personagem negro. No terceiro caso, finalmente, na cena em que o personagem é representado como ladrão, a ação do garoto branco foi codificada de forma mais abstrata que aquela na qual estava representado um personagem negro.

Experimento 4

Este experimento, da mesma forma que o experimento 3, procurou investigar a codificação

lingüística das cenas com uma amostra de crianças. A única diferença em relação ao experimento anterior é o tipo de instrumento usado para a codificação da resposta, ou seja, relatos livres apresentados por cada um dos participantes.

Método

Participantes - A amostra foi constituída por 21 participantes selecionados e categorizados de acordo com os procedimentos adotados no experimento 3. A média de idade dos participantes foi de 10,8 anos.

Instrumento - O instrumento utilizado foi o mesmo do experimento 2 (relato livre) em versão computadorizada.

Equipamentos e procedimentos - Os equipamentos e os procedimentos adotados para a condução desse experimento foram idênticos aos adotados no caso do experimento 3, diferenciando-se exclusivamente no tipo de recurso utilizado para obter as respostas dos participantes durante a codificação das cenas.

Resultados

Como nos experimentos anteriores foi utilizado o modelo de categorias lingüísticas de Semin e Fiedler

Tabela 5: Codificação das cenas, considerando a etnia dos participantes e dos personagens

Etnia do participante	Positividade do comportamento			
	Positivo		Negativo	
	Etnia do personagem		Etnia do personagem	
Branca	Branca	Negra	Branca	Negra
Branca	1,92	3,17	2,17	3,00
Negra	2,78	2,22	2,50	3,22

Considerando exclusivamente as médias apresentadas nas células da tabela 5, pode ser observado que participantes brancos e negros avaliaram de forma mais abstrata os comportamentos positivos apresentados pelos membros do seu próprio grupo étnico. Este resultado é inteiramente compatível com o postulado pelos teóricos do viés intergrupal. No caso das cenas negativas, os resultados foram compatíveis com a literatura exclusivamente no caso dos participantes negros que avaliaram personagens brancos e negros.

Ao considerarmos exclusivamente a etnia dos participantes, os resultados indicam a ausência de qualquer influência significativa. Ao avaliarmos a etnia dos personagens constatamos a ausência de qualquer diferença significativa nos resultados das cenas positivas ($M_{brancos} = 2,11$ $M_{negros} = 2,60$, $t(17) = 1,172$ $p = .244$). No caso das cenas negativas, no entanto, pudemos constatar um efeito significativo da etnia do personagem, uma vez que a ação dos participantes de etnia branca foi avaliada de uma forma mais abstrata que as apresentadas pelos participantes negros ($M_{brancos} = 2,24$ $M_{negros} = 3,13$, $t(12) = 2,81$ $p = .016$).

Além da análise agrupada das cenas positivas e negativas, conduzimos uma análise de cada uma das

(1988). A cena que obteve o índice mais alto de abstração foi a do garoto devolvendo a carteira enquanto que a cena do garoto jogando capoeira foi a mais concretamente avaliada. A cena de maior dispersão foi a do garoto devolvendo a carteira.

Ao considerarmos a média e o desvio padrão do grau de positividade/negatividade das cenas, encontramos indicadores de que a cena avaliada de forma mais positiva foi a do garoto ajudando a senhora a atravessar a rua, enquanto o garoto agredindo fisicamente outro de menor tamanho foi avaliado mais negativamente

Influência da etnia dos participantes e dos personagens na codificação das cenas

Uma vez mais realizamos duas ANOVAs, uma com as cenas positivas e a outra com as cenas negativas. No caso das cenas positivas, observou-se uma interação entre a etnia do participante e do personagem ($F = 4,657$, $p = .048$). No caso das cenas negativas, constatamos uma influência apenas marginal da etnia do personagem.

cenas em separado. Os resultados indicam que a etnia do participante e a do personagem interagiram apenas na cena em que o personagem ajuda uma senhora idosa a atravessar a rua. Nesse caso, tanto participantes brancos quanto os participantes negros codificaram de forma mais abstrata as cenas em que estavam representadas ações encetadas pelos membros do *ingroup*, resultado esse congruente com a literatura. Não foram identificadas influências significativas da etnia do participante e do personagem na codificação de qualquer uma das cenas em separado.

Influência da etnia dos participantes e dos personagens na avaliação de positividade/negatividade das cenas

Usando um procedimento semelhante ao adotado no experimento 2, realizamos duas ANOVAs, uma com as cenas positivas e a outra com as cenas negativas, não sendo observada qualquer interação entre a etnia dos participantes e a dos personagens em nenhum dos dois casos ($F = .033$, $p = .858$, para as cenas positivas e $F = .012$, $p = .915$ para as cenas negativas).

Tabela 6: Avaliação do grau de positividade/negatividade das cenas, considerando a etnia dos participantes e dos personagens

Etnia do participante	Positividade do comportamento			
	Positivo		Negativo	
	Etnia do personagem		Etnia do personagem	
	Branca	Negra	Branca	Negra
Branca	2,97	2,83	1,33	1,33
Negra	3,00	2,89	1,22	1,17

Considerando apenas as médias das células apresentadas na tabela 6, pode-se perceber que os participantes brancos avaliaram as cenas positivas em que são representados membros do *ingroup* de uma forma mais positiva que as cenas em que são representados membros do *outgroup*. Os resultados apresentados pelos participantes negros, no entanto, apontam numa direção contrária, uma vez que as ações positivas dos membros do *outgroup* foram avaliadas de uma forma mais positiva que as realizadas pelos membros do *ingroup*. No caso das cenas negativas, os participantes avaliaram o grau de positividade/negatividade dos comportamentos dos membros do *ingroup* e do *outgroup* de forma semelhante, enquanto os participantes negros uma vez mais tenderam a avaliar de forma mais positiva as ações dos personagens brancos do que dos personagens da sua própria etnia. A influência isolada da etnia do participante não influenciou de forma significativa a avaliação das cenas positivas ou negativas, assim como não se observou qualquer influência da etnia do personagem.

DISCUSSÃO GLOBAL DOS RESULTADOS E CONCLUSÕES

Dificilmente poderíamos concluir, a partir da análise dos resultados apresentados nesse relatório, que as hipóteses a respeito do viés lingüístico intergrupal foram inteiramente corroboradas. Ao examinarmos a influência conjunta da etnia do participante e do personagem na codificação das cenas, constatamos que somente no caso das cenas positivas do experimento 4 encontramos uma diferença estatística significativa e uma tendência compatível com o previsto na literatura. No caso das cenas negativas, apesar de encontrarmos uma diferença estatística marginal, exclusivamente os resultados dos participantes negros foram congruentes com as hipóteses postuladas pelos teóricos do viés lingüístico intergrupal. Afara o experimento 4, somente o experimento 2 apresentou uma significância estatística marginal, mas a tendência dos resultados não foi compatível com as hipóteses anteriormente apresentadas.

Além de realizarmos uma avaliação conjunta das cenas positivas e negativas, também conduzimos uma série de análises, nas quais procuramos destacar o efeito da influência conjunta da etnia dos participantes e do personagem na avaliação de cada uma das seis cenas. Os resultados obtidos a partir dessa análise indicaram que apenas em uma das cenas do experimento 4, onde o personagem é retratado como

prestativo, as evidências foram compatíveis com as nossas hipóteses de trabalho.

Além dessa análise a partir das estratégias de codificação lingüística das cenas, no caso dos experimentos 2 e 4, procuramos determinar o grau de positividade/negatividade dessa codificação. Nesse caso, obviamente, esperávamos que os participantes avaliassem de forma mais positiva as ações em que estavam retratados membros do seu próprio grupo. No experimento 2, os resultados da avaliação das cenas positivas, além de apresentarem uma diferença significativa no plano estatístico, apontaram uma tendência totalmente compatível com a hipótese acima enunciada. No caso das cenas negativas, embora a tendência fosse congruente com a hipótese de trabalho, não foi constatada qualquer diferença no plano estatístico. Em relação ao experimento 4, a hipótese foi confirmada apenas no caso dos participantes brancos, embora esta tendência não tenha sido estatisticamente validada.

Considerados em conjunto, estes indicadores parecem contradizer os resultados apresentados pelos defensores da hipótese motivacional do viés lingüístico intergrupal. De fato, não se encontrou qualquer evidência sistemática de que os participantes codificaram de forma mais abstrata as cenas positivas em que eram representados membros do *ingroup* e as cenas negativas em que eram representados membros do *outgroup*. Procuramos então avaliar o efeito da etnia do personagem, desconsiderando a etnia do participante. O raciocínio, no caso, é o que os comportamentos que fogem a expectativa deveriam ser codificados de forma mais abstrata, de forma independente da etnia do participante. Os resultados, no entanto, em quase nada contribuíram para esclarecer o problema, uma vez que exclusivamente nas cenas negativas do experimento 4 pudemos constatar uma diferença estatística significativa.

Como interpretar tais resultados? Considerando que as hipóteses básicas têm sido replicadas em vários contextos, podemos presumir que essa discrepância nos nossos resultados pode ser explicada por problemas relacionados à amostra, aos procedimentos ou mesmo a algumas características da população de onde a amostra foi retirada.

No caso da amostra, uma primeira alternativa explicativa pode estar relacionada com uma seleção imprópria dos participantes. A questão principal, no caso, é determinar se a amostra reflete a população da qual ela foi retirada, uma vez que não foi adotado qualquer procedimento aleatório para a seleção dos participantes. A alocação dos participantes às condições

experimentais pode ter se constituído em uma outra fonte de problemas. O problema mais grave, indubitavelmente, nesse caso, relaciona-se com a dificuldade de identificar a etnia dos participantes. Uma outra possível fonte de problemas pode estar relacionada com os procedimentos ou os instrumentos de pesquisa. No primeiro caso, pode-se imaginar que o delineamento de pesquisa possa ter dificultado o teste da hipótese. No segundo caso, pode-se supor que os instrumentos de investigação possam ter contribuído para a incongruência dos resultados obtidos com os encontrados na literatura. No caso dos instrumentos, podemos circunscrever duas fontes de problemas. A primeira delas se relaciona com as cenas, enquanto a segunda está relacionada com as alternativas de resposta.

Enfim, o problema pode não ter sido com a amostra ou com os instrumentos. Nesse caso, pode ser que características particulares da população possam interferir nos resultados. Em termos de identidade

social, será que, dado o discurso de igualdade racial que impera no Brasil, o elemento étnico é uma característica saliente para a construção da identidade social do brasileiro? E, especificamente no caso da população baiana, não poderíamos encontrar alguma particularidade que tornaria a codificação das cenas imprópria?

Todas essas indagações suscitam novas dúvidas, abrindo novas perspectivas de investigação. Acreditamos que novas pesquisas, conduzidas em um contexto diverso, com amostras diferenciadas e com uma temática menos emocional possam trazer resultados mais compatíveis com as evidências apresentadas na literatura. Sendo isso verdadeiro, compete-nos avaliar o poder heurístico da hipótese do viés lingüístico intergrupal, sendo particularmente necessário refletir a utilidade de um modelo teórico incapaz de esclarecer questões tão graves quanto as que se apresentam no domínio das relações interétnicas.

ANEXO 1

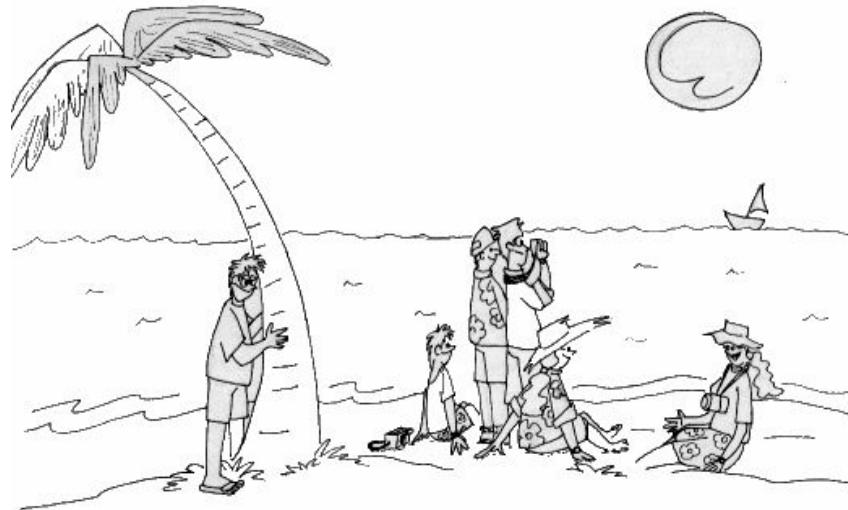


Figura 1: Personagem representado como ladrão

Alternativas de resposta

- () O menino é ladrão.
- () O menino costuma roubar.
- () O menino quer roubar os turistas.
- () O menino observa os turistas

REFERÊNCIAS

- Brown, R. & Lepore, L. (1999). Prejudice. Em A. Manstead & M. Hewstone (Orgs.), *Blackwell Encyclopedie of Social Psychology* (pp. 450-455). Oxford: Blackwell.
- Clement, R. & Noel, K. A. (1996). Lenguaje e comunicación intergrupal. Em R. Bourhis & J. P. Leyenz (Orgs.), *Estereotipos, discriminación y relaciones entre grupos* (pp. 246-287). Madrid: McGraw-Hill.
- Fiske, S. (1998). Stereotyping, prejudice, and discrimination. Em D. Gilbert, S. Fiske & G. Lindzey (Orgs.), *The handbook of social psychology* (pp. 357-413). Boston, Ma: McGraw-Hill.
- Hamilton, D.; Stroessner, S. & Driscoll, D. (1994). Social cognition and the study of stereotyping. Em P. Devine, D. Hamilton & T. Ostron (Orgs.), *Social cognition: impact on social psychology* (pp. 292-323). San Diego, Ca: Academic Press.
- Hilton, J. & Von Hippel, W. (1996). Stereotypes. *Annual Review of Psychology*, 47, 237-271.
- Jones, E. & Nisbett, R. (1972). The actor and the observer: divergent perceptions of the causes of behaviour. Em E.

- Jones, D. Kanouse, H. Kelley, R. Nisbett, S. Valins & B. Weiner (Orgs.), *Attribution: perceiving the causes of behaviour* (pp. 79-94). Morristown: General Learning Press.
- Lawrence, C. & Leather, P. (1999). Stereotypical processing: the role of environmental context. *Journal of Environmental Psychology*, 19, 383-395.
- Leyens, J-P.; Yzerbyt, V. & Schadron, G. (1994). *Stereotypes and social cognition*. London: Sage.
- Maass, A.; Ceccarelli, R. & Rudin, S. (1996). Linguistic intergroup bias: evidence for in-group-protective motivation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71, 3, 512- 526.
- Maas, A.; Milesi, A.; Zabbini, S. & Stahlberg, D. (1995). Linguistic intergroup bias: differential expectancies or in-group protection ? *Journal of Personality and Social Psychology*, 68, 1, 116-126.
- Maass, A.; Salvi, D.; Arcuri, L. & Semin, G. (1989). Language use in intergroup contexts: The linguistic intergroup bias. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57, 981-993.
- Macrae, C. N. & Bodenhausen, G. (2000). Social cognition: thinking categorically about others. *Annual Review of Psychology*, 51, 93-120.
- Pereira, M. (2002). Psicologia Social dos Estereótipos. São Paulo: EPU.
- Semin, G. (1999). Language. Em A. Manstead & M. Hewstone (Orgs.), *Blackwell Encyclopaedia of Social Psychology* (pp. 347-352). Oxford: Blackwell.
- Semin, G.R. & Fiedler, K. (1988). The cognitive functions of linguistic categories in describing persons: social cognition and language. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 558-568.
- Stangor, Charles & Schaller, Mark (1996). Stereotypes as individual and collective representations. Em C. Macrae; C. Stangor & M. Hewstone (Orgs.), *Stereotypes and stereotyping* (pp. 3-37). New York: Guilford Press.
- Tajfel, H. (1982). Social psychology of intragroup relations. *Annual Review of Psychology*, 33, 1-9.
- Tajfel, H. & Turner, J. C. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. Em W. S. Austin & S. Worchsel (Orgs.), *The social psychology of intergroup relations* (pp. 33-47). Monterey: Brooks/Cole.
- Tanabe, Y. & Oka, T. (2001). Linguistic intergroup bias in Japan. *Japanese Psychological Research*, 43, (2), 104-111. Von Hippel, W.; Sekaquaptewa, D. & Vargas, P. (1997). The linguistic intergroup bias as an implicit indicator of prejudice. *Journal of Experimental Social Psychology*, 33, 490-509.

Recebido: 23.07.2003
 Revisado: 10.08.2003
 Aceito: 10.08.2003

Sobre os autores

Marcos Emanoel Pereira: Doutor em Psicologia; Professor Adjunto do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia. Endereço para correspondência: Rua Rodrigo Argolo, 293 apt. 502, Rio Vermelho – Salvador-BA – CEP 41940-220 – Fones (71) 240-7792 / (71) 9917-0845 – E-mail: emanuel@terra.com.br.

Ana Luiza Marques Fagundes: Bolsista de Iniciação Científica do Programa PIBIC/CNPq/UFBA.

Joice Ferreira da Silva: Bolsista de Iniciação Científica do Programa PIBIC/CNPq/UFBA.

Roberta Takei: Estudante de graduação da Universidade Federal da Bahia.